

SAÚDE

“Você só aprende a viver quando sabe o que é morrer”: as histórias de quem vive com HIV desde os anos 80

Uma sentença de morte. Desta forma, a servidora pública de 54 anos, classifica o resultado do exame que revelou que ela convivia com o vírus HIV **PÁGINA 03**



Leiry Maria Rodrigues descobriu que convivia com HIV aos 25 anos, em 1989



A terapia antirretroviral é uma combinação de três remédios ou mais para impedir a multiplicação do vírus HIV no corpo humano



Remédios para controlar HIV começaram a ser distribuídos gratuitamente no Brasil em 1996



“Uma vez um médico falou que o HIV era igual à gripe. Mas a gripe é um probleminha, enquanto o HIV é um problemão, para a vida toda”, relata Beto Volpe

ATENÇÃO

O submundo dos vídeos que humilham e expõem crianças no YouTube

A plataforma de vídeos mais popular do mundo tem um problema sério com seu conteúdo: usuários têm publicado centenas de vídeos com crianças em situações íntimas, violentas ou humilhantes e conseguido milhares de visualizações com a exploração dessas imagens

É por meio das sugestões da própria plataforma que é possível perceber tendências problemáticas - e até indícios de pedofilia

Reprodução/YouTube



Pipoca e Sofá

Filmes da semana nos canais abertos

CINEMA

Lady Bird

100% de aprovação no Rotten Tomatoes, site que compila opiniões da crítica (predominantemente dos EUA). Presença constante em listas internacionais dos melhores filmes de 2017. Cinco indicações ao Oscar: filme, direção, atriz, atriz co-adjuvante e roteiro. Estas são as credenciais que acompanham 'Lady Bird - A Hora de Voar', finalmente em cartaz nas salas brasileiras a partir deste final de semana.

O hype é grande, mas convém não ir ao cinema com a expectativa errada por conta dele. A comédia dirigida por Greta Gerwig (apenas a quinta diretora a ser indicada ao Oscar em 90 anos de premiação) é sutil, intimista e nem tem a intenção de ser um marco no cinema.

Acabou sendo eleita a representante feminista na temporada de premiações, em um ano em que o assunto dominou o mundo do cinema. Mas tem na despreensão e no despojamento suas maiores marcas.

Fiel ao estilo de filmes nos quais se destacou como atriz, como 'Frances Ha' e 'Mistress America', Greta segue a cartilha do cinema indie norte-americano em sua estreia solo como diretora. Para ficar ainda mais à vontade, colocou muito de sua própria vida no roteiro de 'Lady Bird'. Mas a autora tem senso de humor e sensibilidade afiadas o suficiente para que o filme nunca pareça uma egotrip.

Pelo contrário, é impossível não simpatizar com a protagonista, a jovem Christine (Saoirse Ronan), auto-batizada Lady Bird. Repleta de aspirações artísticas, ela se sente deslocada na própria cidade natal (Sacramento, na Califórnia) e não vê a hora de entrar em alguma faculdade localizada em um grande centro. Tal anseio a coloca em rota de colisão com a mãe super-protetora (Laurie Metcalf).

Possivelmente, o público feminino irá se identificar com a relação entre mãe e filha, que muitas vezes vai do embate ao afeto e vice-versa na mesma cena. Em diálogos no melhor estilo tiroeteo verbal, Saoirse e Laurie brilham intensamente. A veterana é uma premiada atriz de teatro, enquanto a mais jovem é um fenômeno capaz de se metamorfosear em cada interpretação e já acumula a terceira indicação ao Oscar, sem nem ter completado 24 anos - as outras foram por 'Desejo e Reparação' e 'Brooklyn'.



DOMINGO

TEMPERATURA MÁXIMA

Os Três Mosqueteiros

- D'Artagnan é um jovem do interior treinado pelo pai para se tornar um mosqueteiro. Ele segue para Paris para realizar o sonho. Lá, se une aos mosqueteiros Athos, Porthos e Aramis para proteger a rainha Anne do cardeal Richelieu e da bela, mas perigosa, Milady, nesta versão do clássico de Alexandre Dumas repleta de lutas e perseguições alucinantes.

DOMINGO MAIOR

Linha De Frente

- Phil Broker, um ex-agente do departamento de combate a narcóticos dos Estados Unidos, se muda com a filha para uma pequena cidade do interior em busca de tranquilidade. Com o tempo, ele percebe que o local não é tão pacato

quanto pensava e terá que enfrentar um perigoso grupo de traficantes.

OLIMPIÁDA DE INVERNO 2018 - Acompanhe a cobertura da Olimpíada de Inverno 2018

SEGUNDA Sessão da Tarde

A Feiticeira - Ator decadente tenta dar a volta por cima participando de uma versão cinematográfica da famosa série dos anos 60 "A Feiticeira". Quando ele conhece Isabel Bigelow, fica impressionado com sua beleza e acredita que ela é perfeita para o papel de Samantha. O que ele não sabe é que a moça realmente é uma feiticeira.

TELA QUENTE Mais Forte Que O Mundo: A História de José Aldo

- Nascido e criado em Manaus, José Aldo precisa lidar com a truculência do pai, seu José que, além de se embriagar constantemente, ainda por cima bate na esposa, Rocilene, com frequência. Enfrentando quase diariamente os seus demônios internos, Aldo encontra na luta sua válvula de escape. Acreditando em seu futuro como lutador, ele aceita se mudar para o Rio de Janeiro e morar de favor no pequeno alojamento de uma academia. Lá, ele recebe o apoio do amigo Marcos Loro e conhece Vivi, uma jovem que vai sempre à academia. Precisando ralar um bocadinho para se manter, Aldo, enfim, consegue um voto de confiança do treinador Dedé Pederneras, iniciando assim sua carreira no mundo do MMA.



Gazeta
Grupo Exata de Comunicação Ltda

CNPJ: 04.471.978/0001-92

Alameda do Contorno, 1508, Qd. 37, Lt. 05,
Santo Antônio, CEP: 74.853-120, Goiânia-GO

COMERCIAL
Tel: (62) 3249-8883 / (64) 3453-8883
comercial@gazetadoestado.com.br

PUBLICAÇÃO LEGAL
Tel: (62) 3249-8883 /
(64) 3453-8883
editais@gazetadoestado.com.br

DIREÇÃO GRÁFICA
Érika Sandra
DIAGRAMAÇÃO
Gabriela Nunes

CLASSIFICADOS
Tel: (62) 3282-7409 / (64) 3453-8883
classificados@gazetadoestado.com.br

DIRETOR PRESIDENTE
Adão dos Reis Gonçalves
adao@gazetadoestado.com.br
VICE PRESIDENTE
Helvislane Martins Gonçalves

REDAÇÃO - WhatsApp: (62) 9 9118-3777
redacao@gazetadoestado.com.br

REDAÇÃO SUL
Rua B-8, S/N, Qd. 14, Lt. 20, Itanhangá I
Caldas Novas - Goiás

DISTRIBUIÇÃO
Grupo Exata de Comunicação
luiscastrocarlos@gmail.com
(62) 9 92636547 - 9 83004318

SAÚDE

“Você só aprende a viver quando sabe o que é morrer”: as histórias de quem vive com HIV desde os anos 80

Uma sentença de morte. Desta forma, a servidora pública de 54 anos, classifica o resultado do exame que revelou que ela convivia com o vírus HIV

VINÍCIUS LEMOS/BBC - Na época, não havia muitos esclarecimentos sobre o assunto e tampouco tratamento eficaz. Então, a expectativa de vida para aqueles que possuíam o vírus não passava de um ano.

“O médico me disse que não havia nada a ser feito. Eu questionei: ‘então vou esperar morrer?’. Ele disse que era ‘mais ou menos isso’. Eu completei: ‘a única prevenção que posso fazer é comprar um caixão e colocar atrás da porta?’. Novamente, ele me disse que era ‘mais ou menos isso’”, relata Rodrigues, que convive com o vírus há quase 30 anos.

Elas foi infectada por um namorado com quem ficou por dois anos. “Ele morreu, em decorrência da Aids, e o médico pediu que eu fizesse o exame. Sempre me cuidei, mas como era um relacionamento sério, deixamos de usar preservativo”, revela.

Desde a descoberta do vírus, ela nunca deixou de trabalhar, teve uma filha - que nasceu sem o vírus - e começou a cursar psicologia, curso no qual se formará neste ano.

“Levo uma vida normal, apesar de tomar medicamentos e ter algumas poucas complicações em razão do HIV. Nunca pensei que fosse viver tanto tempo. Costumo dizer que sou uma sobrevivente.”

Entre 1980 e 1990, conforme o Ministério da Saúde, foram notificados 25.513 casos de Aids no Brasil, 80% deles em homens.

As pessoas que sobreviveram ao vírus nos anos 80 viram amigos e parentes morrerem em decorrência de Aids - doença desenvolvida quando o sistema imunológico é afetado pelo vírus HIV. Elas carregavam consigo a certeza de que teriam o mesmo destino em poucos meses. Hoje, 30 anos depois, se consideram vitoriosos por estarem vivos.

O infectologista Alexandre Naime Barbosa, membro do Comitê de HIV/Aids da Sociedade Brasileira de Infectologia, explica que muitos sobreviveram ao HIV em razão do modo como seus organismos reagiram ao vírus. “Todos nós somos programados, ao nascer, para termos respostas distintas, mais forte ou mais fracas, a diferentes doenças. Há pessoas que se infectam pelo vírus, mas o próprio

sistema imune consegue controlá-lo e por isso têm a quantidade de vírus muito baixa. Elas podem passar a vida toda sem descobrir que são portadoras do HIV. Isso explica porque muita gente se infectou na década de 80 e está bem até hoje.”

“Porém, 90% das pessoas infectadas ficam doentes em um período de seis a oito anos, caso não se tratem. Há também aquelas que em menos de dois anos após adquirir o vírus já sofrem complicações”, diz.

Apesar de terem sobrevivido e levarem uma vida normal, aqueles que convivem com o HIV há quase três décadas carregam consigo mazelas em decorrência do vírus e das décadas de tratamento. Muitos se assustam com a aparente tranquilidade com a qual gerações mais novas têm lidado com o tema.

“Certa vez, estava em um congresso e um médico falou que o HIV era igual à gripe. Mas não é verdade. A gripe é um probleminha, enquanto o HIV é um problemão, para a vida toda”, relata o escritor Beto Volpe, que contraiu o vírus em 1989, aos 28 anos.

OS ANOS 80

O HIV foi descoberto em 1981, ano em que foram descritos os primeiros casos em humanos. Até o início dos anos 90, em razão das poucas opções de tratamento, as pessoas que eram infectadas pelo vírus costumavam ficar doentes com frequência. Com a fragilidade na saúde, as doenças oportunistas eram responsáveis por grande parte das mortes.

De acordo com o Ministério da Saúde, assim como hoje, o perfil da epidemia de HIV/Aids no Brasil na década de 80 era composto majoritariamente por homens que faziam sexo com outros homens. Havia também um grande número de hemofílicos, infectados durante transfusões de sangue, além de usuários de drogas injetáveis. As mulheres passaram a representar uma parcela relevante entre os infectados apenas no início da década de 90.

Os medicamentos antirretrovirais começaram a surgir ainda na década de 80, com o objetivo de impedir a multiplicação do vírus causador da Aids e evitar o enfraquecimento do sistema imunológico. Segundo o Ministério da Saúde, o primeiro medicamento foi o AZT, criado em 1987. No entanto, longe de representar uma solução, ele apenas garantia uma sobrevida de até dois anos ao paciente, já que não era capaz de

bloquear completamente a ação do HIV no organismo.

As dificuldades de tratamento eram conhecidas por Volpe, hoje com 56 anos, que já havia perdido amigos em decorrência do vírus. “Dos anos 70 ao início dos 80, eu não costumava usar camisinha, não era comum. Mas depois da descoberta do HIV, passei a usar. Cheguei a fazer um teste em maio de 1989, que deu negativo. Mas tive um envolvimento com outro rapaz, ele pediu para deixarmos de usar camisinha e acabei cedendo. Depois, ele descobriu que estava com o vírus. Eu também”, narra.

Logo após a descoberta do vírus, Beto obteve licença médica no trabalho em um banco de São Paulo. “Isso era concedido imediatamente. Muita gente foi aposentada compulsoriamente por conta do HIV”, diz. Em seu caso, a aposentadoria chegou no início dos anos 90.

Ele conta que o resultado positivo para o HIV fez com que mudasse o modo como enxergava a vida. “Era uma morte anunciada. Então passei a curtir o hoje, porque poderia não haver amanhã. Acredito que viver com o vírus é como qualquer pessoa deveria viver, mesmo que não o tenha. É aproveitar as coisas como se não houvesse amanhã, se alimentar corretamente e fazer exercícios”, diz.

A sensação de não ter tempo e a necessidade de aproveitar a vida também surgiram na jornalista e escritora Valéria Polizzi, hoje com 46 anos, que descobriu ter HIV, em 1989, aos 18 anos. Ela deixou de fazer planos a longo prazo, pois acreditava que poderia morrer em poucos meses. “Era ano de vestibular, mas acabei indo para Nova York, para morar com uma tia. Depois voltei, fiz vestibular e passei para Letras. Mas ainda era muito forte a ideia de que iria morrer em pouco tempo. Eu pensava: ‘não vai dar tempo’. Acabei largando o curso. Depois fiz teatro e, anos mais tarde, decidi cursar jornalismo.”

“Até hoje, tenho problemas em fazer planos a longo prazo. Se alguém me falar sobre algo no fim do ano, penso que o fim de 2018 não existe. Vamos ficar apenas com o primeiro semestre, por enquanto, que está ótimo”, declara.

TRATAMENTOS

A ausência de tratamentos trazia incerteza às pessoas que descobriam conviver com o HIV nos anos 80 e 90. O arquiteto e arteterapeuta José Hélio Costalunga, de 66 anos, que descobriu es-

tar infectado com o HIV em 1988, se recorda dos obstáculos encontrados após receber o exame positivo. “O médico me disse que eu deveria esperar o incerto. Faziam acompanhamento da minha imunologia e outros exames para ver como estava a minha situação. Era apenas isso.”

“Eu ‘toquei o barco’ e segui em frente. Prefiro enfrentar a realidade da vida. Pensei: ‘se tiver que morrer, morri. Se tiver que viver, vivi’. E assim fui vivendo”, completa.

O arquiteto foi infectado pelo HIV durante um namoro, aos 36 anos. O parceiro dele contraiu o vírus por volta de 1985 e somente foi descobrir cerca de três anos depois. “Ele começou a adoecer, emagrecer e descobriu que havia sido infectado. Em seguida, fiz o teste e deu positivo também.” Além da incerteza sobre o vírus, Costalunga também teve de lidar com o estado terminal do parceiro. “Foi uma situação muito difícil, mas fiquei ao lado dele até o período em que faleceu”, conta.

Costalunga afirma ter levado uma vida normal, sem grandes complicações com o vírus, até o ano de 1995, quando teve a primeira doença oportunista. “Eu tive uma tuberculose ganglionar e precisei me tratar.” Ele somente começou a tomar os medicamentos antirretrovirais no ano seguinte. “Meus clientes fizeram uma vaquinha e um deles, que estava indo passear em Nova York, comprou o coquetel. Foi assim que tomei a minha primeira dose”, relata.

O coquetel de medicamentos antirretrovirais - feito por meio da combinação de três drogas - foi desenvolvido em 1996. No mesmo ano, os remédios passaram a ser distribuídos gratuitamente no Brasil, por meio do Sistema Único de Saúde (SUS). Desta forma, houve redução nos números de mortes em decorrência da Aids.

“Esses medicamentos mudaram o modo como o HIV era tratado, porque, pela primeira vez na história da medicina, pacientes ficaram com a carga viral indetectável no sangue, ou seja, zeraram a taxa de HIV. Assim, passaram a ter uma qualidade de vida muito boa e uma expectativa de vida muito próxima ou igual à de pessoas sem o vírus”, diz o infectologista Alexandre Naime.

Para a escritora Valéria Polizzi, os coquetéis foram fundamentais para conviver com o HIV. “Eu tive uma tuberculose em 94, quando estava nos Estados Unidos.

Então, fiz tratamento com o AZT. Porém, o efeito dele era curto e meses depois tive de parar de tomar, porque não me ajudava mais. Somente em 97, quando comecei a tomar o coquetel, as coisas melhoraram e consegui me estabilizar”, detalha.

“Eu cheguei a parar de tomar um dos tipos de medicação do coquetel, porque passava mal o dia inteiro. Cheguei a falar ao meu pai: ‘prefiro morrer a levar uma vida assim’. Mas isso varia de pessoa para pessoa. Depois, fui me adaptando aos medicamentos ao qual meu organismo reagiu melhor”, acrescenta.

ENVELHECIMENTO PRECOCE

Uma das dificuldades destacadas por aqueles que convivem com o HIV há décadas é o envelhecimento precoce. Eles afirmam terem desenvolvidos doenças que são comuns a pessoas com idades mais avançadas que as suas. José Hélio Costalunga possui neuropatia periférica, que fez com que ele perdesse o equilíbrio. “Hoje em dia, passo o tempo inteiro tonto. Ando de bengala. Isso é para o resto da vida.”

“Essa perda de equilíbrio acontece com pessoas de 75 a 85 anos, mas comigo foi aos 65, em razão do envelhecimento precoce causado pelo HIV. Há muitos estudiosos que estão considerando que as pessoas com HIV se tornam idosas aos 50 anos”, diz.

Beto Volpe também revela ter tido algumas doenças precocemente. “Tive catarata aos 38 anos. Conheço gente que teve osteoporose aos 27. Tenho várias mazelas como triglicérides, colesterol e glicemia alterados, desde a faixa dos 30 anos”, pontua.

Conforme o infectologista Alexandre Naime, o envelhecimento precoce é recorrente em alguns pacientes que vivem com HIV em razão de uma inflamação crônica causada pelo vírus. “É como se o indivíduo passasse por desafios imunológicos e respondesse com uma série de marcadores inflamatórios, que causam efeitos colaterais. Essa inflamação, com o passar dos anos, aumenta os riscos de doenças. Isso é muito mais intenso naqueles sem tratamento ou que não fazem o tratamento corretamente. Porém, também pode ocorrer, em menor quantidade, naqueles que tomam os medicamentos corretamente e possuem carga viral indetectável.”

“Entre esses problemas precoces estão acidente vas-

cular cerebral, infarto, diabetes, hipertensão, fibrose, entre outros”, acrescenta.

Para José Hélio Costalunga, a medicina enfrenta um novo dilema relacionado ao HIV: como tratar os sobreviventes da epidemia dos anos 80.

“O nosso problema agora é o envelhecimento precoce. Os remédios ativam isso ainda mais. O que cura, mata. Ele ajuda, mas também causa transtornos, como qualquer outra medicação”, afirma.

Os efeitos colaterais das drogas se acumulam. Leiry Rodrigues diz sofrer com a lipodistrofia - distribuição anormal de gordura - e lipodistrofia - perda de gordura em algumas áreas do corpo. Já Polizzi passou a sofrer de inflamação renal. Por meio de comunicado, em resposta à BBC Brasil, o Ministério da Saúde reconhece que há problemas decorrentes do longo período de utilização dos medicamentos. “Podem ocorrer algumas adversidades como toxicidade óssea ou renal, dislipidemia - níveis elevados de gordura no sangue -, resistência à insulina ou doença cardiovascular.”

No entanto, a pasta afirma que os antirretrovirais adotados atualmente possuem menos efeitos considerados graves ou intoleráveis que os utilizados anos atrás. “Os benefícios da supressão viral e a melhora na função imunológica, como resultado da terapia antirretroviral, superam largamente os riscos associados aos efeitos adversos de alguns desses medicamentos.”

O PRECONCEITO E A BANALIZAÇÃO

Além dos efeitos da doença e dos medicamentos sobre o corpo, os pacientes de HIV tem que lidar com um binômio de reações que os preocupa: o preconceito em relação à sua condição e a banalização do vírus. “Os próprios médicos diziam que era melhor não contar pra ninguém, senão nossa vida acabava”, conta Valéria Polizzi.

Com Volpe, o preconceito se manifestou até mesmo no consultório médico, nos anos 90. “Quando cheguei, o médico não deixou que eu o cumprimentasse e me disse para ficar atrás de uma linha amarela. Ele havia feito uma faixa, a dois metros, para as pessoas com HIV que iam lá.”

Desde 2014, o Brasil possui Lei Antidiscriminação, em 2014, que tornou crime qualquer tipo de discriminação aos portadores do vírus da imunodeficiência e a doentes de Aids.

Diretor e ator de “Pantera Negra” dizem que filme foi influenciado por “Cidade de Deus”

Que ‘Cidade de Deus’ é o filme brasileiro mais conhecido mundialmente dos últimos tempos, não há dúvida. Para se ter uma ideia do alcance do longa, que chegou a concorrer a 4 Oscars em 2004, ele foi usado como referência pela equipe de ‘Pantera Negra’, uma das maiores produções a chegar ao cinema em 2018, já em cartaz no Brasil.

“Adoro o estilo cinematográfico de ‘Cidade de Deus’”, disse o diretor Ryan Coogler, em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo. “Você consegue se transportar para aquele lugar só vendo o filme. É exatamente o que desejo que as pessoas sintam ao ver Pantera Negra, que vejam Wakanda

como um lugar real”.

Coogler revelou ainda que o longa dirigido por Fernando Meirelles e Katia Lund que narra as mudanças de uma comunidade carente ao longo de três décadas é seu segundo favorito de todos os tempos, só atrás do francês ‘O Profeta’.

Michael B. Jordan, que em ‘Pantera Negra’ interpreta o vilão Killmonger, também falou publicamente sobre a influência de ‘Cidade de Deus’, em entrevista ao O Globo:

“Quando a gente fez ‘Fruitvale Station’ [primeira parceria entre o ator e Ryan Coogler, que também trabalharam juntos em ‘Creed’] vimos o filme várias vezes”, lembrou. “E pensamos em como

nós, frutos do gueto, conseguíamos entender, até sem som, os personagens do Rio de Janeiro. Fiz pesquisa para meu personagem vendo o filme de Meirelles e Lund, e ele se tornou um de meus favoritos na vida. Quando Ryan disse que ele queria que os meninos de ‘Cidade de Deus’ se vissem na tela em ‘Pantera Negra’ ele resumiu de uma forma bem crua o sumo deste nosso papo”.

Ele ainda falou sobre as motivações de seu personagem, fazendo um paralelo com a situação de parte da população do nosso país: “Killmonger é um vilão com um passado, ele tem motivos para a revolta social e política que acaba sendo o centro



da história. Isso também é inovador, ele sofre com a opressão sistêmica do modelo social americano.

O combustível da raiva dele é explicitado de uma forma propositadamente expansiva. Creio que a

trajetória dele é similar à de pessoas oprimidas em outras realidades, como o Brasil”.

Chega aos cinemas “Eu, Tonya”, que deu indicação ao Oscar para Margot Robbie

Se você é daqueles que só conseguiram prestar atenção nas curvas e no corpo escultural de Margot Robbie em suas aparições em ‘O Lobo de Wall Street’ e ‘Esquadrão Suicida’ (no qual interpretou a Arlequina), prepare-se para uma verdade indiscutível: ela também sabe atuar. A prova é sua performance em ‘Eu, Tonya’, filme que estreia no Brasil nesta quinta-feira e lhe rendeu uma merecida indicação ao Oscar de melhor atriz.

Margot segue com competência e bastante entrega aquela receita que costuma agradar em cheio os membros da Academia: deixou a beleza escondida por maquiagem e figurinos bregas, além de interpretar uma figura real cuja trajetória é marcada por altos, baixos

e um toque de tragédia.

Ela interpreta Tonya Harding, patinadora que chegou a ser a principal dos Estados Unidos entre o final da década de 80 e o começo dos anos 90. Sua origem humilde e pouca instrução eram denunciadas pelo temperamento rebelde e pelos uniformes extravagantes, costuradas com às próprias mãos, que exibia no gelo. Nada disso, porém, era impeditivo para que tivesse auto-confiança a ponto de realizar alguns dos movimentos mais ariscados da modalidade e virar uma heroína popular.

No meio do caminho, surgiu uma polêmica que eclipsaria todas as conquistas da atleta. Às vésperas das Olimpíadas de Inverno de 1994, sua principal rival, a também norte-americana Nancy



Kerrigan, foi agredida e teve o joelho quebrado durante os treinamentos. O ato criminoso foi realizado por pessoas ligadas a Tonya Harding, embora ela negue até hoje ter alguma participação.

Se Tonya era uma pessoa nada convencional, o filme escrito por Steven Rogers e dirigido por Craig Gillespie resolve abraçar todo o contexto bizarro e usar isto a seu favor. Assim,

o tom escolhido é o da sátira, com os personagens dando depoimentos para a câmera e defendendo suas versões sobre os acontecimentos.

Desta forma, o longa acaba por replicar a ridicularização já sofrida pela protagonista na vida real. Isso cria uma barreira grande nas vezes em que o roteiro tenta fazer de Tonya menos uma piada e mais uma vítima das circuns-

tâncias de uma sociedade obcecada pelo sucesso, que havia recém-inaugurado os canais de notícias 24 horas e precisava alimentá-los constantemente.

Acaba sendo um filme divertido, mas bem menos profundo do que promete. Acima da média, mesmo, apenas a atuação de Margot Robbie. Sua personagem é a única que ganha alguma nuance, enquanto as outras são reduzidas

a caricaturas unidimensionais. É o caso de Allison Janney, como a mãe abusiva da protagonista, uma atuação repetitiva e mesmo assim favorita à estatueta de melhor atriz coadjuvante, depois de vencer a categoria no Globo de Ouro e no prêmio do Sindicato dos Atores.

Além das indicações para Margot e Allison, ‘Eu, Tonya’ ainda concorre ao Oscar de melhor edição.

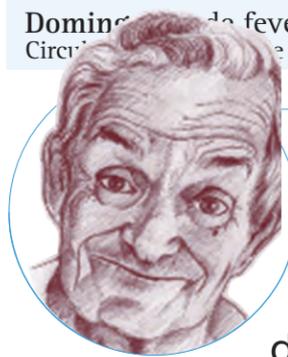
PROTESTE SEM SAIR DO LUGAR: CONHEÇA A CENTRAL DE REMESSA DE ARQUIVOS.

Envie títulos a protesto a qualquer cartório do Estado e acompanhe o procedimento de forma 100% segura e eletrônica.



Acesse: ieptbgo.org.br/CRA e saiba mais

CARTÓRIOS DE PROTESTO GO
INSTITUTO DE PROTESTO - IEPTB



TEIXEIRA MENDES CONTA

2 amigos conversando...

-Meu pai quer que eu faça Direito e seja um bom Advogado. -Quem bom, vai seguir a profissão do velho? -Não, ele quer que tire ele da cadeia



Licores Pierre, a tradição do genuíno licor artesanal produzido com a legítima cachaça, trazendo requinte ao seu paladar!
Contato Denise Pierre 62 9846-2265

RECEITAS PRÁTICAS E FÁCEIS

FILE AO MOLHO MADEIRA



INGREDIENTES

4 folhas de louro
1 maço de tomilho
½ maço de salsa
Azeite de oliva para refogar
1 cenoura cortada
1 cebola cortada em 4 partes
1 talo de alho-poró cortado
2 talos de salsaõ (aiço) cortados
1 tomate picado
4 kg de osso bovino assados
½ cabeça de alho
250 ml de vinho Madeira + 100ml de vinho madeira
4 litros de água
100 g de manteiga
2 colheres (de sopa) de farinha de trigo
1 xícara de creme de leite fresco
400g de filé cortado em iscas finas
Sal a gosto
Pimenta do reino a gosto
300g de cogumelo paris em fatias

MODO DE PREPARO

Com o auxílio de um barbante, unir as folhas de louro, o tomilho e a salsa formando

um bouquet.

Em uma panela, regada com azeite, dourar bem a cenoura, a cebola, o alho poró, o salsaõ e o tomate.

Juntar os osso, a cabeça de alho, o vinho e a água.

Adicionar o bouquet e deixar em fogo médio por mais ou menos 1 hora ou até o líquido reduzir a um terço.

Coar o líquido. Reservar. Em uma panela, derreter a manteiga, juntar a farinha de trigo, sempre mexendo para não empelotar e juntar o líquido coado.

Quando o molho ficar numa consistência mais firme, juntar o creme de leite, misturar e reservar.

Em uma panela, dispor os filés e deixar que fiquem bem dourados.

Temperar com sal e pimenta do reino.

Juntar o restante do vinho madeira e deixar evaporar o álcool.

Juntar o molho, deixar ferver junto com a carne por 10 minutos.

Juntar os cogumelos e cozinhar por mais 10 minutos.

Tradicionais Salgados

PROMOÇÃO ESPECIAL
R\$39,90
O CENTO*

LIGUE AGORA!
(62) 3208-4550
3208-2435
99309-6568

Rua SR 30 Quadra 39 Lote 04 N°153 - Recanto das Minas Gerais

LIC
Locação e Vendas
Impressoras e Copiadoras

O MELHOR CUSTO BENEFÍCIO A PARTIR DE R\$ 0,04

62 3920-1235
62 9256-4933

PROFISSIONAIS DE SALÃO

Inoar Cosméticos realiza “Rio Carnival Run” na África do Sul



Ação acontecerá durante todo o mês de fevereiro

MAIARA DAL BOSCO - Em clima de carnaval, durante todo o mês de fevereiro, a Inoar Cosméticos decidiu convidar os salões de beleza da África do Sul a criar uma vibe de descontração para apresentar dois novos programas de tratamento capilar na ação batizada de “Rio Carnival Run”: o “Ultimate Inoar Journey” e o “Inoar Quick Fix”.

“A Inoar sempre apoiou os profissionais de salão e ações inovadoras, e na África do Sul estamos fazendo um trabalho forte neste sentido, o que ajuda a valorizar tanto os produtos de uso profissional, como os redutores de volume, quanto os tratamentos pós-quinica”, conta Inocência Manoel, fundadora da Inoar Cosméticos.

O “Ultimate Inoar Journey” propõe um tratamento por três meses com um redutor de volume da Inoar e outros quatro produtos da marca para quem busca um cabelo saudável e com bri-

lho. Já o “Inoar Quick Fix” é um tratamento de apenas um mês, direcionado para quem busca um resultado mais rápido e um pouco mais barato. A ideia é trazer opções de produtos que ajudam a deixar os fios saudáveis a um preço acessível.

Além de ações pontuais, a Inoar realiza dois programas constantes junto aos salões na África do Sul: o “Shampoo e Champagne”, que leva produtos aos salões para que os clientes possam testar gratuitamente; e programas educativos, que visam treinar, educar e empoderar a comunidade local para cuidar dos cabelos desde jovens, evitando as químicas e permitindo que o cabelo cresça de modo natural com os produtos certos, o que também é estendido a alguns jovens profissionais de academias de beleza. “Ao ajudarmos as pessoas a cuidarem bem de seus fios, elas sentem orgulho deles”, completa Inocência.

SOBRE A INOAR

Empresa brasileira referência no mercado nacional e internacional, a Inoar Cosméticos traz em seu DNA a essência de sua fundadora Inocência Manoel, que busca criar produtos inspirados em vários tipos de cabelos e no poder de transformação que eles geram na vida das pessoas. Com inovação, tecnologia de ponta e o know-how de quem entende as necessidades dos profissionais e de consumidores finais, a marca Inoar oferece ao mercado mais de 300 produtos inovadores com qualidade premium, para cabelos, pele e maquiagem. Atualmente, a marca também exporta para mais de 40 países.

INOAR

www.inoar.com
Facebook: Inoar Brasil
Instagram: @InoarBrasil
YouTube: inoarbrasil



DANÇA CONTEMPORÂNEA

Nona edição do Paralelo 16º começa logo depois do Carnaval, em Goiânia

Jorge Etecheber



O evento de dança profissional mais aclamado de Goiás está de volta a Goiânia, em sua nona edição. Entre os dias 16 e 25 de fevereiro, logo após o Carnaval, o Paralelo 16º apresentará treze espetáculos ao público da capital, dos mais diversos estilos e nos mais diversos espaços: teatros, parques, praças e bares de nossa cidade.

As apresentações são divididas em três eixos: cena aberta (nas ruas), cena livre (nos teatros) e cena proibida (para maiores de 18 anos, no Hermeto Bar e no Teatro Goiânia), a grande novidade desta edição. Também serão oferecidas duas aulas públicas. Todas as atividades são gratuitas, mas o evento promove uma campanha de arrecadação de mantimentos para Vila São José Bento Cottolengo (Trindade/GO), solicitando aos espectadores a doação de um quilo de alimento não perecível.

Entre os convidados estão Cabaré Rosa Grená (GO); Virtual Cia. de Dança (São José do Rio Preto/SP); Nômades Grupo de Dança (GO); Grupo PlanoP (GO); Balé do Teatro Castro Alves (BA), Grupo Contemporâneo de Dança (GO); Giro 8 Cia de Dança (GO); Nalini Cia. de Dança (GO). O encerramento será do Grupo Pablo Rotemberg, da Argentina, que apresentará no Teatro Goiânia o espetáculo La Wagner, aclamado ela crítica e proibido para menores de 18 anos.

O Paralelo 16º é uma realização da Quasar Cia de Dança, da Associação Quasar de Cultura e da Arte Brasil Eventos. O projeto foi contemplado pelo Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás, por meio da SEDUCE/ Governo de Goiás e conta com o patrocínio da Caixa Econômica Federal – Governo Federal.

ESPETÁCULOS PARA TODOS OS GOSTOS

De acordo com Vera Bicalho, diretora e idealizadora do Paralelo 16º, esta edição traz a uma novidade: os espaços a serem ocupados não são somente aqueles convencionais da dança. Ao contrário, a proposta é invadir a cidade e se apropriar de sua arquitetura e espaços urbanos, se aproximando, inclusive, do público da cena noturna de bares da capital. “São espetáculos nas ruas e praças, e espetáculos que conversam com a cidade e espetáculos apresentados em espaços alternativos, que se infiltram nos espaços underground”, explica Vera.

A Mostra de Dança Contemporânea nasceu no ano de 2005 e desde então vem se consolidando como uma das agendas de dança, e das artes cênicas, mais importantes do Estado, atingindo não somente o público, mas os próprios profissionais de dança de Goiás, do Brasil e do mundo. “Uma mostra profissional como esta, que já entrou no calen-

dário nacional dos eventos brasileiros de dança, reverbera conhecimento através dos espetáculos e suas produções, fazendo com que todos possam ter outras referências de dança. Os artistas também se beneficiam dessa troca, através do aprimoramento profissional, estético, criativo e técnico. Além disso, o Paralelo 16º, desde sua primeira edição, procura formar o público da nossa região para o que vem sendo produzido no cenário da dança mundial, comenta Vera.

DESTAQUE INTERNACIONAL

Um dos pontos altos desta edição será o espetáculo do grupo argentino Pablo Rotemberg, “La Wagner”, no último dia do evento. O público assistirá a quatro mulheres, como quatro Valquírias, que acompanham a música de Richard Wagner e atacam com a difícil tarefa de desarmar estereótipos e denunciar os preconceitos relacionados à feminilidade, violência, sexualidade, erotismo e pornografia. “É um espetáculo extremamente forte, impactante, que trata de questões pertinentes a um universo feminino, suas lutas, anseios, desejos, sexualidade, violência. Trata de questões humanas profundas e íntimas através de um espetáculo de contrastes. Há um choque entre a banalidade e o sublime, o irreverente e o consagrado”, define Bicalho.

ANA PAULA MOTA

ATENÇÃO

O submundo dos vídeos que humilham e expõem crianças no YouTube

A plataforma de vídeos mais popular do mundo tem um problema sério com seu conteúdo: usuários têm publicado centenas de vídeos com crianças em situações íntimas, violentas ou humilhantes e conseguido milhares de visualizações com a exploração dessas imagens

LETÍCIA MORI /BBC BRASIL- Apesar do YouTube ter anunciado no fim do ano passado a retirada de 150 mil vídeos chocantes envolvendo menores e o cancelamento de alguns canais, ainda é possível encontrar centenas de publicações com conteúdo impróprio envolvendo crianças ou voltadas para elas.

Há centenas de vídeos que contêm crianças chorando, gritando de medo e claramente aterrorizadas. Há imagens de meninas com roupas de banho em posições em que suas partes íntimas ficam em evidência. Outras mostram situações escatológicas envolvendo fezes, vômito, cuspe e urina.

Em muitos casos, os pequenos são perseguidos por pessoas em roupas de palhaço e outras fantasias assustadoras, são amarrados e alvo de imitações de situações de sequestro. Há crianças tomando injeções ou sangrando ao terem o dente removido, centenas de pegadinhas violentas e perigosas e até vídeos com simulação de suicídio.

Há também uma série de vídeos que imitam desenhos infantis, mas contêm palavrão impróprio, violência e situações de cunho sexual - sem nenhum aviso de que o conteúdo é impróprio para menores. As imagens imitam animações infantis como a Peppa Pig, Thomas, a Locomotiva a Vapor e filmes como Frozen e Meu Malvado Favorito, entre outros.

A plataforma tem um filtro, o YouTube Kids, cujos controles são mais rígidos para proteger as crianças da exposição a conteúdo do tipo. Mas, muitas vezes, por serem muito parecidos ou por terem problemas apenas no áudio, os desenhos impróprios acabam furando esse controle.

O PROBLEMA DA REPUBLICAÇÃO

Muitos dos vídeos impróprios voltados para crianças ou com crianças em situações abusivas vêm de canais verificados e acumulam milhões de visualizações. Em uma tentativa de conter o problema, o YouTube cancela-

lou diversos destes canais no último ano.

Um dos maiores, o Toy Freaks, tinha 8 milhões de inscritos, 7 bilhões de visualizações acumuladas e recebia reclamações dos usuários há anos.

No canal, o pai de duas garotas mostrava as filhas gritando de medo, cuspiendo e urinando umas nas outras, sendo alimentadas à força, tomando banho e fingindo serem bebês. Mas mesmo com a retirada do canal, ainda é possível encontrar alguns dos vídeos, que foram salvos e republicados por outros usuários.

O ToyFreaks era um dos canais que ganhavam dinheiro com os vídeos abusivos - por meio do pagamento pela veiculação de anúncios antes dos vídeos com muitas visualizações.

Mas não é raro que outros canais verificados tenham casos de vídeos que colocam crianças em situações perigosas e abusivas.

Pegadinhas extremamente violentas e assustadoras para crianças são uma das categorias mais comuns. Em um vídeo de um canal verificado, por exemplo, duas crianças pequenas gritam de medo e choram ao serem perseguidas por palhaços assustadores.

Em um vídeo de outro canal, duas meninas pequenas são mostradas no banheiro, usando a privada, até que aparece um palhaço assustador. Depois, uma delas é mostrada chorando de medo.

ESPIRAL DO ABUSO

Muitos dos vídeos são feitos e postados pelas próprias famílias das crianças. Ao perceber que certo tipo de vídeo atrai mais público, alguns canais que lucram com o número de visualizações acabam produzindo mais conteúdo do tipo para satisfazer a audiência.

“O conteúdo vai se tornando cada vez mais bizarro”, explica Rodrigo Nejm, diretor de educação da ong Safernet, que monitora e promove direitos humanos na internet. “Conteúdo humilhante e brincadeiras em que as pessoas não estão de acordo vão criando uma banalização da violência.”

Os donos do canal DaddyOFive, já cancela-

do pelo YouTube, chegaram a perder a guarda de dois dos filhos por causa de pegadinhas.

Mas os casos emblemáticos em que houve alguma punição, como os dos canais DaddyOFive e Toy Freaks, não impedem que mais centenas de vídeos parecidos sejam subidos diariamente para a plataforma.

Nejm, da Safernet, explica que conteúdos explicitamente pornográficos (com nudez ou sexo explícito) ou com violência muito evidente, como com muito sangue, são automaticamente bloqueados pelos filtros do YouTube.

O problema são conteúdos abusivos que não são automaticamente detectados pela plataforma, mas que podem ser chocantes.

“As pessoas têm que lembrar que, ainda que o conteúdo não seja explicitamente criminoso, mesmo assim pode ter o uso indevido de imagem de um menor de idade”, diz ele.

Para a psicóloga Ceneide Cerveny, da PUC-SP, as situações em que as crianças são colocadas podem afetá-las no longo prazo - o que é piorado quando os criadores dos vídeos são os pais.

“Para a criança ofendida, assustada, sempre faz mal. Ela pode perder a confiança nos pais, que deveriam ser responsáveis por sua segurança. É muito sério quando é um pai assustando com conivência da mãe. Ambos são irresponsáveis e sem condições de serem pais, fazendo isso para ganhar dinheiro e fama”, diz.

“As brincadeiras abusivas trazem consequências como medo, estresse, insônia, falta de confiança nos adultos e principalmente a vergonha da exposição a que estão sujeitos”, acrescenta.

“O problema é o responsável legal que permite a exposição pública dessa criança. Por isso que a gente insiste na importância de conscientizar o público. Às vezes os pais não têm nem ideia da repercussão que um vídeo pode ter. Dois, três anos depois, ele pode se tornar um conteúdo que vai motivar um cyberbullying contra a criança”, diz Nejm.

PREDADORES SEXUAIS

Em alguns casos, a própria plataforma indica esses vídeos perturbadores: o algoritmo que controla as indicações no YouTube mostra na aba lateral publicações parecidas com o que o usuário está vendo.

Boa parte do problema está aí. Algumas das indicações de animações com linguagem imprópria e sem informação de que o conteúdo é inadequado para menores, por exemplo, aparecem se você está vendo vídeos de desenhos animados de verdade.

Esse sistema de indicação automática acaba criando um submundo de vídeos chocantes. A partir do momento em que o algoritmo percebe que um usuário costuma ver esse tipo de conteúdo com crianças, passa a alimentar esse gosto com vídeos parecidos.

É por meio das sugestões que é possível perceber tendências problemáticas - e até indícios de pedofilia. Alguns vídeos são em si, inocentes. Há dezenas deles que mostram meninas pequenas fazendo ginástica, por exemplo. Mas as imagens em destaque de todos os vídeos relacionados indicados ao lado são das meninas em posições de vulnerabilidade, como com as pernas abertas.

“Há um fator de risco ao expor uma criança na internet. Um conteúdo que a priori não é pornográfico pode se tornar. Uma criança quando se filma não tem erotismo, mas quando (o vídeo) é exposto na maior praça pública, está aberto a todo tipo de consumo”, afirma Rodrigo Nejm, da Safernet.

Os vídeos também têm dezenas de comentários predatórios e com conteúdo sexual direcionado às crianças.

Em um dos casos - subido em um canal brasileiro - uma menina pequena pula na chuva com uma roupa branca. Um dos comentários diz: “dá para ver o peitinho dela hahah te adoro”.

Em outra filmagem subida no mesmo canal, a mesma criança dança pole dance ao redor de um poste vestindo um shorts e um top. “Já sabe subi (sic) no pau”, diz um usuário.

Boa parte das imagens

com crianças pequenas nessas situações são subidas com datas aleatórias como título - um “nicho” que inclui centenas de vídeos com meninas pequenas em roupas íntimas, em roupas de banho ou com a calcinha aparecendo.

Alguns têm milhares ou milhões de visualizações. Um vídeo de 5 minutos de uma garota pequena filmada com as pernas abertas fazendo ginástica, por exemplo, foi assistido 1,8 milhão de vezes.

VOLUME DE DADOS

Depois de ser questionado pela BBC sobre o conteúdo, o YouTube retirou diversos dos vídeos do ar e desabilitou a seção de comentários em outros.

O site tem tentado combater o problema mais agressivamente desde o ano passado, quando finalmente tirou do ar diversos canais que recebiam reclamações de usuários havia anos.

O YouTube diz que leva a segurança das crianças muito a sério e que reforçou suas políticas sobre quais conteúdos são adequados para a plataforma ou que podem gerar receita pela exibição de anúncios.

“Investimos em nossos times e na tecnologia de machine learning para ampliar os esforços dos nossos revisores humanos em escala. Estamos aplicando o que aprendemos no combate a conteúdo extremista e violento no combate a conteúdo problemático, incluindo discurso de ódio e segurança das crianças”, diz a empresa, em nota.

A plataforma afirma também que sua equipe “trabalha muito próxima ao NCMEC (Centro Nacional para Crianças Desaparecidas e Exploradas, entidade americana), IWF (Internet Watch Foundation), e outras organizações de segurança à criança ao redor do mundo, para relatar o comportamento e contas predatórias aos órgãos judiciais competentes.”

Qualquer pessoa pode chamar a atenção da plataforma para um conteúdo impróprio - basta clicar no menu de três pontinhos abaixo do vídeo e selecionar “Denunciar”. No entanto, nem sempre os

usuários tem resposta sobre o caso e muitas vezes são necessárias várias reclamações para um vídeo ser retirado do ar.

“Muitas vezes é uma linha tênue entre o que é uma situação normal e uma abusiva”, afirma Nejm.

O Google, que é dono do YouTube, reconhece a importância de revisores humanos para tomar decisões contextualizadas sobre o conteúdo. A empresa diz que tem ampliando sua equipe e que deve elevar, em 2018, para mais de 10 mil o número de pessoas trabalhando para encontrar conteúdos que possam violar suas políticas.

RECEITAS E ANÚNCIOS

Além de críticas de usuários e especialistas, a reclamação e até finalização de contratos de anunciantes que tinham suas propagandas exibidas antes de vídeos impróprios - inclusive em filmes de grupos extremistas - também contribuiu para que a plataforma tomasse uma postura mais agressiva em relação à moderação do conteúdo.

O site diz que tem adotado medidas para proteger os anunciantes, como critérios mais rígidos e mais curadoria manual. “Queremos que os anunciantes tenham a tranquilidade de ter seus anúncios rodando ao lado de conteúdos que reflitam seus valores de marca. Igualmente, queremos dar aos criadores confiança de que sua receita não será prejudicada pelas ações questionáveis de alguns”, afirma o YouTube.

“Diante do volume de dados, e diante do tamanho do problema, também é preciso que haja estratégias mais massivas de conscientização do público”, defende Rodrigo Nejm, da Safernet.

“É preciso educar melhor o usuário para ele perceber quando acaba alimentando esse tipo de conteúdo. Há diversas situações que são banalidades do cotidiano às quais as pessoas acabam se atraindo. É preciso pensar, no entanto, em quem está promovendo isso. Se o canal explicitamente tem muitos vídeos do tipo, é possível suspeitar que tem algo de errado.”

